

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 8 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3971241>



BOLSONARO E A PARANOIA ANTI-HOMOSSEXUAL

Cleiton Zóia Münchow¹

Resumo

Neste ensaio utilizo o conceito de paranoia anti-homossexual, inventado por Guy Hocquenghem, para pensar as posições sustentadas em torno da homossexualidade pelo atual presidente da República brasileira, Jair Messias Bolsonaro.

Palavras chave: Brasil; Bolsonaro; Homossexual; Paranoia.

Abstract

In this essay I use the concept of anti-homosexual paranoia, invented by Guy Hocquenghem, to think about the positions held around homosexuality by the current president of the Brazilian Republic, Jair Messias Bolsonaro.

Keywords: Bolsonaro; Brazil; Homosexual; Paranoia.

*Os caras querem é a nossa hemorroida
(Bolsonaro)*

O filósofo Guy Hocquenghem, na década de 70, em meio ao movimento homossexual francês, desenvolveu um pensamento profundamente crítico a respeito da heterossexualidade, entendida como sistema de opressão que se produz como normal no processo mesmo de anormalização do outro. Em 1972, juntamente com o *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, veio a lume o *Desejo homossexual*, livro que coloca em operação a perspectiva aberta pelos esquizoanalistas para realizar não um combate pelos homossexuais, mas um combate homossexual, combate em que é preciso desbravar muitas frentes de ação, combate que se inscreve na deriva aberta pelo maio de 1968 francês e pelo *Stonewall* em 1969. Neste contexto, Hocquenghem criou o conceito de Paranoia Anti-homossexual para nomear o modo como a sociedade heterossexual discursa e fantasia a homossexualidade com o objetivo de atestar o caráter criminoso e doentio dos herdeiros dos antigos sodomitas.

A elaboração de todos esses movimentos sob a forma d'O *Desejo homossexual*, fez Hocquenghem ser reivindicado como precursor do que, desde a década de 90, passou-se a nomear como teoria *queer*, Guy talvez preferisse nominar seu pensamento de teoria bicha. Deixemos de lado a nomenclatura e captemos o movimento perspectivo do militante filósofo: “Queremos nos caracterizar por um deslocamento permanente, transcrição do nosso deslocamento vivido, e por uma demolição contínua do jogo de imagens que fundamenta os condicionamentos sociais” (HOCQUENGHEM, 1980,

¹ Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea. Professor de Filosofia no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS). Email para contato: cleiton.munchow@ifms.edu.br



p. 45). João Silvério Trevisan, em Dezembro de 1980, sem pensar na ideia de teoria *queer*, em resenha escrita para a tradução de *A contestação Homossexual*, livro de autoria do filósofo Hocquenghem, pouco mais de 3 anos da fundação do primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, no Jornal Lâmpião da esquina, pensando a potência contestatória do pensamento de Guy, escreveu:

Existem atitudes fundamentalmente diferentes num gesto de libertação. De um lado, ainda se encontra nos muros de São Paulo uma inscrição que sobrou dos duros tempos do Dr. Richetti: BICHA É GENTE – cujo teor sempre me pareceu o da súplica, da comisseração. Numa atitude oposta, Hocquenghem prefere sofrer: BICHA É PERVERTIDO PLURAL – e com isso afirmar a potencialidade fora do universo da normalidade (TREVISAN, 1980, p. 13).

UMA FERRAMENTA CONCEITUAL: A PARANOIA ANTI-HOMOSSEXUAL

A paranoia anti-homossexual é um conceito construído no interior de uma conversa crítica, especialmente, com a psicanálise, mas que se amplia a todo tecido social. Freud e Ferenczi, conforme Hocquenghem, estabelecem uma relação essencial entre homossexualidade e paranoia. O paranoico seria aquele que acredita sofrer uma perseguição, que sente ser perseguido sem, de fato, o ser. A explicação do fenômeno, conforme os psicanalistas, encontra-se na homossexualidade que não foi suficientemente recalcada e, portanto, retorna como paranoia de perseguição pelo objeto de desejo que é do seu interesse. O ódio do paranoico que se acredita perseguido é o modo como o esmo encontrou para dar livre curso ao desejo, ele delira o próprio desejo. Essa noção acabou por funcionar como mecanismo de repressão a tal ponto que, numa vulgarização da psicanálise, acabou-se por afirmar que a própria homossexualidade era causa da paranoia e os homossexuais, sistematicamente, passaram a ser lidos como tal. Ocorre que, se olharmos para a situação dos homossexuais, pensa Hocquenghem, veremos que eles não somente se sentem ameaçados, eles, de fato, *são ameaçados* pela família, pelo sistema de justiça e policial, por médicos, psiquiatras e psicanalistas, pela sociedade heterossexual em seu conjunto.

A paranoia não é homossexual, é a heterossexualidade, enquanto sistema de opressão, que delira sobre seu próprio desejo homossexual. Este último nada tem com um dado de natureza, o desejo homossexual e o heterossexual não encontram sua diferença em nenhum *a priori* histórico, o desejo, nos diz Hocquenghem, “emerge sob uma fórmula múltipla, da qual os componentes não são separados a não ser *a posteriori*, em função das manipulações que lhes damos” (HOCQUENGHEM, 2000, p. 24). Deleuze, no prefácio escrito para o segundo livro de Guy, *L’Après-mai des faunes*, comentando o pensamento do autor, afirmou que “a homossexualidade não é produção de desejo sem ser também, ao mesmo tempo, formação de enunciados” (HOCQUENGHEM, 1974, p. 10). Tanto o desejo heterossexual quanto o homossexual, na perspectiva de Hocquenghem, não passam de “uma decupagem



arbitraria em um fluxo ininterrompido e polívaco” (HOCQUENGHEM, 1972, p. 24). A paranoia anti-homossexual é o mecanismo por meio do qual a heterossexualidade, como sistema de opressão que privatiza o anus num processo de sublimação em que o falo é colocado como significante fundamental, se produz como natural e normal ao mesmo tempo em que pode realizar seus desejos anais por meio de mecanismos de perseguição dos componentes homossexuais da libido, tal como nos conhecidos casos de policiais que, para prenderem homossexuais, utilizavam seus próprios pênis como isca. Pênis + cacete = falo.

BOLSONARO E A PARANOIA ANTI-HOMOSSEXUAL

Bolsonaro é um representante modelar cujo pensamento pode nos ajudar a entender o modo de funcionamento da paranoia anti-homossexual². Não queremos dizer com isto algo do tipo: vejam, Bolsonaro é um homossexual reprimido. Não é disso que se trata. A paranoia anti-homossexual é uma expressão desviada do desejo homossexual, a sociedade inteira sofre de um “delírio de interpretação que a conduz encontrar por tudo os signos de uma conspiração homossexual contra seu bom funcionamento” (HOCQUENGHEM, 2000, p. 31). Bolsonaro foi eleito com 57,7 milhões de votos, entre outras coisas, porque, desde muito, encarna em seu corpo e gestos o discurso da paranoia anti-homossexual. Não se trata de um fenômeno individual, “é a sociedade inteira que se defende de maneira paranoica contra a sexualização de seus próprios investimentos (...), que luta com todas as suas forças contra a dessublimação homossexual” (HOCQUENGHEM, 2000, p. 38). Neste sentido, podemos ler nos votos dados ao atual presidente, a tentativa de defesa da sociedade dos homo sociais contra as forças de dessublimação da homossexualidade. Guy Hocquenghem observaria, ainda, não se tratar de um fenômeno que se restringe aos partidos de direita, mas atravessa as esquerdas, vale lembrar de Boulous que, no dia 07 de junho de 2020, nas manifestações pela democracia em São Paulo, não somente dançou ao som de “ei, Bolsonaro, vai tomar no cu”, como finalizou o canto dos manifestantes com a seguinte deixa: “a voz do povo é a voz de Deus”³. Boulous não foi o único a se relacionar de maneira festiva com

² Para pensarmos o modo de funcionamento da paranoia anti-homossexual utilizamo-nos dos discursos enunciados por Bolsonaro nos mais diversos meios, todo o conteúdo deles é de domínio público e conhecimento comum de modo que preferimos não indicar um a um em nosso processo de investigação, além do mais, todas as falas homofóbicas do presidente podem ser encontradas em um compilado na Wikipédia: Cf. WIKIPÉDIA. *Controvérsias envolvendo Jair Bolsonaro*. Consultado em 23/06/2020 (https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsias_envolvendo_Jair_Bolsonaro).

³ Cf. (<https://www.facebook.com/search/top/?q=Boulos%20bolsonaro%20tomar>). É interessante observar como tal fenômeno tem sido recorrente Brasil a fora, uma voz dissonante é a vocalista da Letrux, Letícia Novaes que, quando, em seu Show, ouviu o público cantar “ei, Bolsonaro, vai tomar no cu”, se posicionou da seguinte maneira: “Gente, não vamos gritar isso não. Porque o dele já é um xingamento e tomar no cu pode ser maravilhoso. Então quando as pessoas ficam falando “Bolsonaro vai tomar no cu” ... eu fico.. ai que besteira, sabe! Não Precisa ter esse tipo de xingamento antigo, que nem viadinho. A gente precisa desconstruir essas coisas. E não é papo ...politicamente correto... não é isso, a língua transforma e a gente tem que estar vivo e atento as transformações da língua. Não gosto de mandar ninguém tomar no cu. Então as pessoas começaram a gritar e eu falei: -gente, não vamos gritar isso não, o nome dele é um Xingamento” (Cf. https://www.youtube.com/watch?v=WF_sO8yJXgg&t=925s).



o canto cufóbico e certamente entre ele e Bolsonaro existe uma larga diferença, mas o corpo e as palavras revelam a presença da paranoia anti-homossexual na manifestação, isso nos faz crer que homossexuais nada tem com a democracia representativa.

A paranoia anti-homossexual deliria o desejo homossexual em todos os cantos. Carlos Bolsonaro, no dia 29 de junho de 2011, tuitou, “Atenção Boiolas, p/ infelicidade d vcs, eu sou hetero!”, recentemente, em conhecida reunião ministerial, o Presidente da República Federativa do Brasil disse: “os caras querem é a nossa hemorroida”. Encontramos aqui a reação básica do modo de funcionamento da paranoia anti-homossexual e seus elementos: a sexualização dos homossexuais que aparece na ideia de que estes desejam sexualmente todos os homens e o medo de ser penetrado. Assim, como vimos, os bolsonaros pensam que todos os homossexuais os desejam e traduzem suas relações políticas em termos libidinais homossexuais revelando o inconsciente do desejo: querem é a nossa hemorroida. O pensamento dos analmente castrados leva o medo ao extremo de imaginarem a existência de heterofobia e afirmarem que os heterossexuais são, em termos políticos, minorias. Eles acreditam na existência de uma guerra criada pelos homossexuais que, do ponto de vista paranoico, querem ter o privilégio, disfarçado de direito, de aprisiona-los pelo simples fato de serem contra a homossexualidade. O Cidadão de bem é a personagem principal nesta guerra em que ele precisa forjar outras duas que garantam a organização do seu mundo: o inimigo cujo projeto é transformar a sociedade em uma sociedade homossexual e que, para isso, deseja se apoderar, mediante a doutrinação, da mente dos filhos dos cidadão de bem, a personagem que faltava para constituir a santíssima trindade do delírio da paranoia anti-homossexual.

AS TRÊS PERSONAGENS DO DELÍRIO: O CIDADÃO DE BEM, SEU FILHO E O HOMOSSEXUAL

A paranoia anti-homossexual faz surgir a *personagem do cidadão* de bem, expressão máxima do macho heterossexual, cuja posição é a do pai de família, a célula básica do estado nacional, trata-se de um pai que se julga presente, afinal, seu filho, como todos sabem, é bem educado por ele e a prova disso encontra-se na heterossexualidade manifesta do filho que a sustenta por meio da ostentação de signos de poder. Define-se como brasileiro e, em sua ótica, todos sabem que brasileiros não gostam de homossexuais. Isso não quer dizer, segundo ele mesmo, que ele seja homofóbico, afinal nada tem com o que dois marmanjos querem fazer dentro do seu apartamento. Porém, às vezes, conforme a circunstância, chega a dizer de maneira expressa: sou homofóbico. O problema, conforme seu cérebro imagina, é que há um plano para tornar as crianças homossexuais. O Ministério da Educação do governo



anterior, o senado e o Supremo Tribunal Federal foram cooptados pela ideologia perversa que é preciso, em nome de Deus, eliminar de nosso país para evitar que as crianças venham a ser ou a desenvolver comportamentos homossexuais no futuro. Além de imaginar o Kit-Gay⁴, o cidadão de bem que, como bem observou Eliane Brum, tem problemas com furos, acredita que querem sua hemorroida, o medo do seu próprio desejo o faz inventar, em nome das crianças, uma guerra contra os homossexuais.

Encontramo-nos em meio ao delírio da paranoia anti-homossexual descrita por Hocquenghem. Na interpretação paranoica anti-homossexual da realidade *a personagem do homossexual (perverso-baitola- drogado- cafetinado)* é fundamental para o desenrolar da trama da guerra produzida no imaginário do cidadão de bem e, por isso mesmo, este tipo psicossocial, em seus delírios, teoriza a homossexualidade como homossexualismo. De acordo com Bolsonaro, há uma quantidade enorme de homossexuais, trata-se de um número crescente cujas causas relacionam-se à liberdade, às drogas, às mulheres que estão fora dos lares, aos pais que não estão presentes. As três causas responsáveis pelo aumento do número de homossexuais, neste delírio paranóico anti-homossexual, encontram-se relacionadas ao desejo de reprimir a liberdade do desejo homossexual, as drogas e as mulheres. Remontemos este jogo causal, afinal, desde Aristóteles, conhecer é conhecer pela causa:

Primeira causa, a liberdade: a história e a situação da liberdade dos homossexuais, neste imaginário heterossexista, encontra-se organizada da seguinte maneira: um passado repressivo, um presente tolerante com a possibilidade de torná-la obrigatória aos cidadãos de bem e aos seus filhos. Os homossexuais, dizem eles, não querem igualdade, querem, na verdade, o privilégio de mandar o homem de bem para a cadeia por causa de um simples olhar lido como homofóbico ou por tentarem proteger seus filhos de estarem expostos a cenas homossexuais e suas ideologias perversas que contaminam o ambiente escolar. Assim, em nome da liberdade de continuarem oprimindo homossexuais, exige-se sua repressão.

Segunda causa, drogas e prostituição. As drogas, juntamente com o dito ambiente da prostituição em que, segundo pensa nosso presidente, os homossexuais, muitas vezes, são assassinado pelos próprios cafetões, , afinal, no horário em que os homossexuais são assassinados pelos seus michês, numa hora dessas, disse o presidente, o cidadão de bem já está dormindo. Neste sentido as drogas e a prostituição constituem a atmosfera perfeita para legitimar o lugar da homossexualidade como perigo social, um

⁴ Importa ressaltar que mesmo entre lideranças de governos de esquerda é possível encontrar a manifestação paranoica anti-homossexual, Dilma Rousseff, durante seu primeiro mandato, em entrevista, interpelada sobre o Programa Brasil sem Homofobia, interpretou o programa em termos de doutrinação, mesmo em uma liderança como a ex-presidente, encontramos o delírio paranoico anti-homossexual. Dilma assume uma fala anti-violência e de respeito às diferenças, mas afirma não concordar com o Kit. O kit, de fato, não existia, o que havia era um programa de combate nacional de luta contra a homofobia, desse ponto de vista não há como concordar ou discordar daquilo que não existe, a expressão kit-gay foi criada por aqueles que tem sido identificados como bancada do boy-da bala e da bíblia para polemizar e extrair benefícios políticos por meio da paranoia anti-homossexual que governa a sociedade. Porém, Dilma, quando perguntada se assistiu aos vídeos, responde que não gostou daquilo que viu, daquilo que foi mostrado na televisão, deixando explícito que se referia ao próprio conteúdo dos vídeos que, segundo ela, não tratavam do combate à homofobia (Planalto. Consultado às 19h04 min. do dia 19/07/2000: <https://www.youtube.com/watch?v=8Ace3eM-fnI>)



misto de crime e perversão que coloca em risco o bom funcionamento da sociedade afinal, um homossexual é um drogado, um prostituído ou consumidor de prostituição, adjetivos que, da perspectiva do cidadão de bem, constitui a ordem do abjeto. O número de homossexuais, nessa perspectiva, aumenta a medida em que o ambiente das drogas e da prostituição se alastra pelo tecido social, ao mesmo tempo que o homossexual é pensado como agente contaminador capaz de fazer proliferar as drogas e a prostituição na sociedade dos homens de bem. Há, neste sentido, uma relação causal recíproca homossexuais, drogas e prostituição, um leva ao outro.

Terceira causa, as mulheres e o abandono do lar. O falocratismo desta forma de pensamento expressa a ideia de que o fato das mulheres, produtos de uma fraquejada, estarem trabalhando fora do lar contribuiu para o aumento do que eles chamam de homossexualismo, neste sentido a mulher é peça fundamental no processo de reprodução da heterossexualidade do menino para o qual somente um destino é reservado: tornar-se um homem, ou melhor, na ótica analmente castrada, ser o que Deus fez. A mulher é colocada na posição de reprodutora do menino, a menina é a virgem que pode ser negociada com aqueles que a desejam estuprar mediante quantia monetária determinável, o menino é possibilidade de perpetuação, a menina, uma fraquejada. O menino precisa ser protegido, caso contrário poderá tornar-se um ser com cara de terrivelmente homossexual.

A personagem do filho aparece, predominantemente, na figura da criança, mas também na do jovem em período de serviço militar. Os meninos, não importa a idade, devem ser defendidos do homossexualismo que, de todos os lados, os ameaça. Se o homossexualismo se apresenta de algum modo no menino que age como um “gayzinho”, a repressão sob a forma da palmada, no delírio paranoico anti-homossexual, é a solução que deve ser tomada para que comportamentos homossexuais não se desenvolvam na criança, em nome do bem o pai tem o direito de bater em seu filho, em sua ótica, os homossexuais querem tirar seu direito de transforma o próprio filho, nem que seja à força, em homem, único destino possível para um menino. Para o cidadão de bem, a recusa a reproduzir a norma hetero por parte do filho é a pior coisa que pode acontecer a um pai que, triste com o fato de ter um filho homossexual, encontra a morte como único destino para o filho: “eu prefiro um filho morto a um filho homossexual”, aliás, para eles, um filho homossexual é um filho morto! Violência física mais violência simbólica sob a capa de que homossexuais morrem porque não são cidadãos de bem, paranoicamente, produzem, no Brasil, 1 cadáver a cada 26 horas. Ao que parece, a heterossexualidade tem sua natureza facilmente tornada *contra natura*, Bolsonaro chega mesmo a supor a quantidade de dias que um rapaz, numa situação, segundo ele, inadmissível, pode passar dormindo na mesma barraca que com um recruta homossexual sem também tornar-se homossexual, cinco dias. Além da tentação posta pela presença de recrutas homossexuais, o filho está em perigo, diversas instâncias governamentais trabalham para tornar



o homossexualismo obrigatório. O Kit-Gay foi um dos mecanismos do movimento homossexual para transformar as crianças em seus iguais, as crianças precisam ser defendidas, há uma conspiração homossexual, a liberação da homossexualidade coloca em risco o futuro das crianças, da família, da nação, as crianças precisam ser protegidas da adoção por casais homossexuais, a liberação da homossexualidade levará à legalização da pedofilia, lutar contra a homossexualidade, portanto, é lutar contra a pedofilia. Do feto à maioridade, o menino, enquanto futuro cidadão de bem, é um dispositivo de controle do desejo.

HOCQUENGHEM: UMA PERSPECTIVA ESTRANGEIRA SOBRE O BRASIL

Em julho de 1981 foi publicada, no *Jornal Lampião da Esquina*, uma entrevista concedida por Guy Hocquenghem a Paulo Otoni em janeiro do mesmo ano em seu apartamento em Paris. Solicitado a falar a respeito de suas impressões sobre Brasil, Guy apontou para sua situação de estrangeiro, para o limite espacial de sua visita que, a julgar pela entrevista, não ultrapassou o Rio de Janeiro, e para o limite temporal, a viagem durou 40 dias. No Brasil, conforme o filósofo, a questão racial, a multirracialidade, faz com que tudo seja diferente:

a situação é muito mais explosiva sexualmente. Se há um país onde a revolução sexual faz sentido, esse país é o Brasil da atualidade. Problemas demográficos, raciais, calor, miséria, ao mesmo tempo cultura, fato de que a sexualidade nunca foi desprezada, junto com uma repressão muito forte. Tudo isso faz do Brasil o único país onde a revolução sexual é algo explosivo (HOCQUENGHEM, 1981, p. 2).

País, pensa Hocquenghem, onde há uma confusão sexual, uma enormidade de relações codificadas, um nacionalismo desacompanhado da ideia de puritanismo, um tabu anal infinitamente forte comparado a qualquer outra civilização, no Brasil, “dinheiro e merda são completamente confundidos” (HOCQUENGHEM, 1981, p. 4). No dizer de Hocquenghem, há uma vida dupla no mundo do gueto do homossexual brasileiro, de um lado encontram-se as travestis que formam uma verdadeira população, com seus shows, espetáculos, prostituição e, do outro, os homossexuais ligados a bairros como Copacabana com suas discotecas, uma hierarquização das atitudes sexuais com suas subdivisões entre supermachos e submachos e que coloca o negro alternativamente em dois papéis: o do superviril e o do afeminado, ao mesmo tempo portador de uma grande falo e de uma bunda que dança. O interessante na questão brasileira, continua Hocquenghem, são as travestis, o movimento homossexual pelos direitos, no Brasil, pensa o filósofo, não existe, o *Jornal Lampião* é definido como um decalque do movimento de liberação norte americano e europeu: “O movimento gay é uma enorme



brincadeira de alguns burgueses brancos, que querem fazer discursos, que não podem ir à boate se a boate é ou já foi dominada por travesti” (HOCQUENGHEM, 1981, p. 2). “O impacto social, (...), do movimento gay brasileiro é nulo comparado não importa com qual travesti” (HOCQUENGHEM, 1981, p. 2). Percebe-se que Hocquenghem dos anos 80 já não é o mesmo de 1972⁵, a posição dos homossexuais, na França, não era mais a mesma, os homossexuais passaram a integrar o campo de direitos e, ao invés da revolução, buscou a conformação e perdeu sua capacidade de questionar de maneira profunda a civilização, o mesmo, como percebeu o filósofo militante, passava-se com o movimento homossexual brasileiro. A paranoia anti-homossexual de Bolsonaro, explica-se, assim, pela paranoia anti-transgênera, anti-preta, analmente castrada presente, inclusive, no movimento homossexual brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. “Por que Bolsonaro tem problemas com furo”. **El País** [13/03/2020]. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com>>. Acesso em: 20/07/2020.

HOCQUENGHEM, Guy. **Le désir homosexuel**. Paris: Fayard, 2000.

HOCQUENGHEM, Guy. **L’Après-mai des Faunes: Volutions**. Paris: Grasset & Fasquelle, 1974.

HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

HOCQUENGHEM, Guy. “Entrevista para Paulo Otoni”. **Lampião da Esquina**, n. 37, julho, 1981.

TREVISAN, João Silvério. “Mendigos da normalidade”. **Lampião da Esquina**, n. 31, dezembro, 1980.

WIKIPEDIA. “Controvérsias envolvendo Jair Bolsonaro”. **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%AAsias_envolvendo_Jair_Bolsonaro>. Acesso em: 23/07/2020.

ZAMBONI, Jésio; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. “Uma bicha: Guy Hocquenghem”. **Anais do VI Congresso de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**. Salvador: ABEH, 2012.

⁵ Sobre essa mudança de perspectiva indicamos a leitura de ZAMBONI; BARROS (2012).



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 8 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima